

Cinema Doce, mas dura

Sonhos e perturbações formam o rico contraponto da vida de Federico Fellini, que morreu há 15 anos

Por Itamar Cardin

Milhares de pessoas estavam presentes no Estúdio 5 da Cinecittá, em Roma, para dar o último adeus a Federico Fellini. Na multidão, amigos, políticos, parentes, companheiros de profissão e admiradores de todo o mundo. Faltava, no entanto, alguém. Debitada por um câncer no pulmão, sua companheira Giulietta Masina permaneceu em casa e acompanhou a despedida ao marido pela televisão. E apesar de seu amor não estar mais presente, ele era então de ouro: Fellini morreu no dia 31 de outubro de 1993, um dia após completar 50 anos de casado com Giulietta, em decorrência de uma parada cardíaco-respiratória, e após ter suportado o coma por duas semanas.

Foi amparado pela mulher que o diretor deixou seu legado ao cinema. Na profícua geração italiana de Rossellini, Antonioni, Visconti e De Sica, ele talvez tenha sido o maior. A sutil mistura de fantasia, humor e humanismo, tornou-o o diretor mais premiado da história do Oscar (estatuetas por "A Estrada", "Noites de Cabília", "Fellini 8 e ½", "Amarcord" e pelo conjunto da obra, em 1993). Também levou a Palma de Ouro de Cannes, por "A Doce Vida", e o Leão de Ouro de Veneza, pela carreira cinematográfica.

Os 24 filmes da obra de Fellini, gravados entre 1950 e 1990, nascem quase que de um paradoxo. Mesmo tendo criado um cinema fortemente autoral, de características inovadoras

e inconfundíveis, ele sempre lutou para ser um antiintelectual. Fã de Oo7, o Gordo e o Magro, Buster Keaton, e desconhecedor assumido de grandes clássicos, Fellini afirmava que "o cinema é um modo divino de contar a vida" e fazer as pessoas sorrirem. Seus filmes, intrincados e nem sempre de fácil digestão, eram uma passarela dos mais diversos aspectos humanos.

Certa vez, questionado sobre o que mais o emocionava, respondeu de pronto: "A inocência". É notável que, em cinco de seus primeiros filmes, há sempre uma frágil mulher a perguntar: "Você gosta de mim?". Questão simples. Além de colocar em xeque a superioridade segura dos homens, desconstruía a sensação de dependência e carência que depreendia dessas mulheres. Dois desses filmes, "A Estrada" (1954) e "Noites de Cabília" (1957), têm Giulietta no papel principal. Com um sutil arrear de sobrancelhas, um sorriso quase torto e um divertido esgueirar de olhos, ela materializa na tela a inocência desejada pelo marido e personifica a ternura das frágeis personagens - uma atrapalhada ajudante de circo e uma bondosa prostituta. É uma doçura alheia à aspereza que as cercam.

A perfeita sintonia entre Fellini e Giulietta é a marca da primeira década do cineasta. Alegria que também poderia servir como redenção: dois anos após o casamento, celebrado em 1943, o casal perdeu o único filho com apenas quinze dias de vida, por insuficiência respiratória.

Uma brusca mudança ocorre no cinema do diretor após o lançamento de "A Doce Vida" (1960): os personagens populares desaparecem, os gestos de sutileza diminuem, os traços oníricos se intensificam e as criaturas incomuns passam a ser dominantes. O filme gira em torno de um jornalista de origem humilde, interpretado por Marcello Mastroianni, que passa a se envolver em um mundo repleto de festas surreais e personalidades quase grotescas - como artistas, nobres e outros profissionais da imprensa.

Embora Giulietta seja a atriz principal de um outro longa, "Julietta dos Espíritos" (1965), filme-que a homenageia e que faz perfeita contraposição de cores e imagens para separar o real do onírico, Marcello Mastroianni é o ator mais marcante da nova fase. Fellini dizia que gostava de trabalhar com ele porque não questionava como os americanos. Marcello preferia aceitar o trabalho,

não ler o roteiro e definir o personagem conforme o filme transcorria. Como é notável nas brilhantes interpretações em "A Doce Vida" e "Fellini 8 e ½" (1963), quando a derrocada moral dos personagens encontra perfeita simetria nos gestos e olhares do ator.

Sobre "Fellini 8 e ½" conta-se uma história fantástica. O diretor escrevia uma carta sobre a desistência em fazer o filme - mesmo com *set* alocado, máquinas e câmeras posicionadas, atores contratados - quando foi convidado por um maquinista, que participava das filmagens e aniversariava, a tomar champanhe. "Este será um grande filme, doutor. Viva!". Foi um baque.

Envergonhado, voltou para o escritório, olhou para a carta e teve a idéia: "um filme sobre a história de um diretor que não sabia qual o filme que iria fazer". "8 e ½" nada mais era do que o número de rolos de filme utilizado até o momento. Ou, mais do que isso a abertura de um outro universo felliniano: o memorialista.

Nascido em Rimini, pequena cidade do nordeste da Itália, Fellini se orgulhava de sua infância livre - só se mudaria para Florença em 1938, aos 18 anos, para trabalhar como ilustrador de uma revista. E a partir de "8 e ½", esse orgulho se torna inspiração: as personagens passam a conviver com o passado do diretor. O exemplo mais precioso desse período é "Amarcord" (1973), que narra a vida escolar e familiar de um jovem na década de 30, sempre com um olhar temeroso ante o fascismo.

Os mínimos detalhes de conhecidos do cineasta, desde os amigos mais íntimos até os trabalhadores, prostitutas, aristocratas, fotógrafos e religiosos que ele apenas observava, tornaram-se matéria-prima para seus filmes. "O cinema é um modo de fazer concorrência ao Pai Eterno", dizia, a respeito da criação dos personagens. Também não deixava de lado a paixão pelo circo, que com sua cadência leve e grandiosa conduz boa parte dos filmes.

Até as experiências do próprio diretor já foram inspiração para a dosada loucura de seus personagens. Na época em que aumentavam as convocações para a Segunda Guerra, Fellini obteve um atestado de um médico amigo, amarrou uma toalha na cabeça e brandiu uma espada imaginária em um hospício por três dias. Tamanha fonte criativa e experimental influenciou uma série de cineastas que vieram na seqüência. Almodóvar, Woody Allen, Cronenberg e David Lynch são alguns dos que carregam herança felliniana. A força dos traços distintos de Fellini,

somada à obsessão pelo cinema autoral, gerou, no entanto, uma crítica padrão nos últimos quinze anos de sua carreira: ele estava preso ao seu modelo e, sem força criativa, apenas se repetia. Tornara-se quase uma grife.

Entre os últimos filmes, talvez o que mais fuja à regra seja "Ginger e Fred" (1987). Com Giulietta e Mastroianni, ele narra o contraponto entre a gravação de um programa de televisão e a estranheza de dois ex-dublês idosos. Ambos os personagens, vertentes mais verossímeis da realidade concreta, têm as esperanças e expectativas esfaceladas quando confrontados com aquele bizarro mundo da TV - como a trupe de anões dançarinos e os travestis sócias de grandes escritores e pensadores. Esse contraponto, aliás, parece ser o grande tema de Fellini. O fantástico, o onírico e o incomum nada mais são do que a faceta de uma existência distorcida, mas real, que sempre conturba seus personagens mais humanos.

É em "A Doce Vida", filme que cunhou o termo "paparazzi" para o mundo, que o conflito parece mais bem desenhado. Se à primeira vista o clima festivo, a música alegre e a ausência de preocupações embriagam o jornalista humilde vivido por Mastroianni - poucas cenas são tão célebres no cinema como o banho na Fontana di Trevi entre ele e Anita Ekberg -, essas são ambientações que apenas dão mais vazão ao desespero existencial e aniquilam a força intelectual do personagem. Pode-se imaginar Fellini em sua casa natal, em Rimini, a sorrir e soletrar o singelo clichê que une vida e rapadura: "doce, mas dura".

Toda essa ambigüidade só pode ser mais bem entendida mediante a relação de Fellini e Nino Rota - responsável pela música de "O Poderoso Chefão". Falecido em 1979, ano em que foi homenageado pelo diretor em "Ensaio de Orquestra", Rota fez a trilha sonora de todos os filmes do cineasta produzidos até aquela data. De tão específica e livre, sua música quase atua na obra. Era comum Rota esbravejar depois de Fellini detalhar o filme a ele e a música já estar pronta: "Mas será que vou ser sempre o último a saber de certos personagens?" E nessa combinação de genialidades independentes, a tensão se tornava leveza, o grotesco, palpável, e a rispidez, amor. Nada mais condizente com a obra, a vida e o grande final de Fellini e da esposa. Sem abandonar a inocência, Giulietta se renderia ao câncer apenas cinco meses depois da morte do marido.

O jogo de fantasia e humanismo em seus filmes faz o espectador sorrir e se comover

Para o diretor mais premiado da história do Oscar, o cinema era um "modo divino de contar a vida"



Walter Albertin, New York World-Telegram & Sun Collection - Library of Congress

Divulgação Versátil

